



IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE  
III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia  
26 a 29 de outubro de 2009 - PUCPR

## FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO BILÍNGUE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

SALGADO, Ana Claudia Peters – UFJF  
[ana.peters@ufjf.edu.br](mailto:ana.peters@ufjf.edu.br)

MATOS, Priscila Teixeira – UFJF  
[priscilatmatos@yahoo.com.br](mailto:priscilatmatos@yahoo.com.br)

CORREA, Tamires Huguenin – UFJF  
[tamireshugueninc@yahoo.com.br](mailto:tamireshugueninc@yahoo.com.br)

ROCHA, Waldyr Inbroisi – UFJF  
[embroyler@gmail.com](mailto:embroyler@gmail.com)

Eixo Temático: Formação de Professores e Profissionalização Docente  
Agência Financiadora: UFJF

### Resumo

No intuito de colaborar para a formação de professores para a educação bilíngue, iniciamos um Projeto de Treinamento Profissional na UFJF que contou com três bolsistas. Além dos estudos teóricos sobre bilinguismo, bilingualidade, ensino de línguas e metodologias de pesquisa, esse projeto dava a oportunidade aos bolsistas de acompanharem as aulas em uma escola bilíngue. A esse projeto, seguiu-se o projeto de pesquisa intitulado “Educação bilíngue: compreensão dos processos de aquisição da linguagem e a capacitação de profissionais especializados” em andamento na referida universidade. O presente trabalho apresenta as primeiras compreensões teóricas e propostas de prática pedagógica envolvidas na educação bilíngue. A partir de um estudo etnográfico numa escola bilíngue (campo da investigação) registrado nas notas de campo e notas expandidas dos pesquisadores, podem ser observadas manifestações linguísticas interessantes, que servem como dados a serem analisados e de elementos para uma primeira proposta de formação de professores para a educação bilíngue.

**Palavras-chave:** Línguas em contato. Bilinguismo. Educação bilíngue.

### Introdução

A educação bilíngue tem despontado como um mercado de trabalho em franca expansão no país hoje, porém parece haver muita incoerência em relação à prática dessa educação bilíngue. No Brasil, atualmente, são muitas as escolas de ensino fundamental e

médio que se apresentam com uma proposta bilíngue. Da mesma forma são muitos os cursos livres de idiomas que buscam desenvolver a condição de bilíngues em seus alunos em um curto espaço de tempo. Este trabalho visa divulgar as primeiras observações do Projeto de Pesquisa intitulado “Educação bilíngue: compreensão dos processos de aquisição da linguagem e a capacitação de profissionais especializados” desenvolvido na Universidade Federal de Juiz de Fora desde março do presente ano.

Os cursos de Letras – Licenciaturas em Línguas Estrangeiras – de universidades brasileiras em geral oferecem boa formação aos futuros professores de línguas, informando-os e capacitando-os em relação aos aspectos linguísticos das línguas que se propõem a ensinar no futuro. Muitas dessas instituições públicas e particulares pesquisam questões como formação de professores de línguas estrangeiras, ensino de línguas estrangeiras na escola pública, e as questões estruturais das línguas que oferecem em seus cursos. Todavia, são realmente poucas as instituições que oferecem disciplinas específicas sobre a questão da educação bilíngue. Há pesquisas orientadas para a capacitação de professores para as escolas bilíngues hoje concentradas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mas, de fato, existem no Brasil poucas pesquisas sobre bilinguismo e formação de professores para educação bilíngue. Alguns trabalhos na área da linguística sobre bilinguismo (SAVEDRA 1994; SALGADO 2008), na área da educação sobre educação bilíngue (MARTINS 2007), além das pesquisas na área de psicolinguística internacionalmente conhecidas (CRAIN & LILLO-MARTIN 1999) serão a base teórica do presente projeto.

A pergunta que norteia a pesquisa que serve de base a este trabalho é: O que é educação bilíngue (o que a caracteriza e a difere do ensino de língua estrangeira tradicional na educação básica)? Assim, a hipótese em que está baseada toda a pesquisa é que se conseguirmos entender o que é a educação bilíngue – e suas diferentes formas de realização – e suas peculiaridades no Brasil em função dos diferentes contextos sociais brasileiros em que está inserida, sem mencionar os contextos políticos, poderemos também analisar as competências linguística, pedagógica e psicológica que o professor dessa modalidade de ensino deve ter.

## **Desenvolvimento**

A questão da educação bilíngue remete primeiramente a termos tais como: bilinguismo, bilingualidade, aquisição linguística. Myers-Scotton (2006, p.2) propõe a

seguinte definição: “Falar somente uma língua, tipicamente a língua que se adquire como sua primeira língua ou ‘língua materna’ (geralmente a língua falada em casa, pela família) é chamado de monolinguismo. Bilinguismo é o termo usado para a situação em que o indivíduo fala duas ou mais línguas”.

Geralmente a língua materna do falante, ou sua primeira língua, é uma das duas línguas que o fazem bilíngue. Bilinguismo é, pois, um termo guarda-chuva para multilinguismo, também – ou seja, situação em que o indivíduo fala mais de duas línguas. Alguns pesquisadores usam o termo plurilinguismo para se referir a essa situação.

Quando as pessoas usam o termo “bilíngue” imaginam alguém que fala duas línguas perfeitamente, conforme lembra Valdés (*apud* HEYE 2001, p. 37); imaginam também que essa pessoa sabe falar, compreender, ler e escrever as duas línguas no nível mais alto de desempenho. Na verdade, são poucas as pessoas bilíngues que manifestam as suas línguas igualmente porque ou adquiriram uma língua mais completamente que a outra, ou porque usam uma língua mais frequentemente que as suas outras que, certamente, foram adquiridas em graus variados. Nessa perspectiva, Valdés (*apud* HEYE, 2001, p.38) argumenta que o indivíduo bilíngue não é necessariamente “ambilíngue” (tendo competência nativa em duas línguas), mas um bilíngue de um certo tipo específico que, junto com outros bilíngues de muitos outros tipos, pode ser classificado ao longo de um contínuo.

Seguindo ainda nessa perspectiva, admite-se entre os bilíngues também aqueles indivíduos que podem compreender ou produzir enunciados falados ou escritos em qualquer grau em mais de uma língua. Assim, pessoas que sabem ler uma segunda língua (por exemplo, francês), mas não sabem falar essa língua, são consideradas bilíngues de um certo tipo e colocado num ponto extremo do contínuo. Essas pessoas são consideradas como tendo uma competência receptiva numa segunda língua e como sendo ‘mais bilíngues’ do que monolíngues, já que o ‘monolíngue’ dispõe de habilidades receptivas ou produtivas somente em sua primeira e única língua. A avaliação aqui é comparativa: monolinguismo total em oposição ao menor grau de habilidade para compreender uma língua.

Os primeiros estudos sobre bilinguismo tratam desse fenômeno como se fosse um fenômeno absoluto. Surgem propostas teóricas e metodológicas que divergem em suas classificações e definições do que seja “competência linguística”, domínio e função de uso das línguas, e apresentam diferentes tipos e conceitos de bilinguismo. Heye (2003) propõe a análise do bilinguismo como fenômeno relativo “buscando um posicionamento claro quanto à

situação do bilíngue, levando em consideração o ambiente e as condições onde o bilinguismo se desenvolve”.

Ainda segundo Heye (2003), os estudos isolados sobre bilinguismo “começam a escassear com o trabalho de Mackey (IN: FISHMAN 1968), onde fica reconhecida a necessidade de análise do bilinguismo numa perspectiva interdisciplinar, a fim de que se possa compreender a complexa relação psicológica, linguística e social do bilinguismo”. Surgem, então, estudos em nível ‘macro’, com a integração de outras disciplinas (Psicolinguística, Neurolinguística, Sociolinguística, e Linguística Aplicada). Na área de Psicolinguística afloram os estudos quanto à relação linguagem e pensamento e os questionamentos acerca das teorias de aquisição da linguagem.

O estudo do bilinguismo pode ser considerado dentro do escopo da Sociolinguística uma vez que seu foco está também no que Hymes (1972) chamou de competência comunicativa, e por considerar o ambiente e as condições onde o bilinguismo se desenvolve, além do contexto e idade de aquisição, e variação de uso das línguas. Ou seja, os sociolinguistas têm que lidar com problemas que envolvem a desigualdade no uso da língua.

Desigualdade essa que é enfatizada pelo não acesso à educação. Baker (2006) fala em educação bilíngue como um “problema, um direito e uma fonte”: um problema linguístico, um direito básico do ser humano, e uma fonte de enriquecimento cultural, de ascensão econômica e social e de aquisição de cidadania. Para Baker (2006), a educação bilíngue encerra em si mesma uma ideologia pluralista e cívica que favorece a formação da identidade dos indivíduos pelo ‘empoderamento’ (**empowerment**) dos menos favorecidos.

### **Aspectos relevantes para a formação do professor para a escola bilíngue**

Além de uma boa e sólida formação linguística e cultural sobre a língua que pretende ensinar, o professor da escola bilíngue deve ser preparado para atender os diferentes propósitos das diferentes escolas bilíngues no Brasil. As dimensões continentais desse país contribuem para configurar ambientes sociais diversificados que exigem e favorecem a presença de uma escola bilíngue.

Há os casos das escolas localizadas nas comunidades de fronteira, escolas localizadas em comunidades descendentes de imigrantes, escolas localizadas em comunidades indígenas, escolas localizadas em grandes centros urbanos que têm um público de alto poder aquisitivo e procura oferecer aos seus filhos a educação bilíngue não tanto como uma necessidade familiar

ou social, mas como mais uma opção de escolarização. Há também aquelas escolas que são criadas para atender uma população migrante atual por questões de industrialização ou outras atividades econômicas.

Considerado o ponto de vista e as necessidades da comunidade onde está inserida a escola bilíngue, outros pontos e vista a serem levados em consideração quando da formação de professores para a educação bilíngue são: o ponto de vista da escola (seu projeto pedagógico) e o ponto de vista dos alunos: eles estão ali por opção própria ou falta de opção? Todos têm a mesma “língua materna”? Em relação à segunda língua oferecida, todos têm a mesma opção e os mesmos contextos de uso?

As discussões teóricas que presenciamos até o momento parecem se ancorar na definição de bilinguismo e por isso tendem a se equivocar, muitas vezes, pois esquecem que o processo educacional não é estritamente um processo social, como o é o bilinguismo. A Educação Bilíngue é um processo personalizado deve pois ter como foco a bilinguagem, que é a manifestação em constante transformação da condição de bilíngue de um indivíduo.

### **Aprendendo com as experiências dos aprendizes**

As práticas de linguagem são dialógicas (BAKHTIN, 1992) envolvendo a contínua construção e reconstrução de um indivíduo em outro a fim de que usem a linguagem de forma a conquistar a atenção um do outro, tomando-se as mútuas respostas como germes de novas proposições. Assim o desenvolvimento da linguagem – e o desenvolvimento de uma ou mais línguas – emerge das múltiplas maneiras de uso dessa linguagem e das interações dos indivíduos envolvidos no processo de comunicação.

A linguagem – e as estruturas linguísticas – são socialmente construídas e dinamicamente negociadas a cada momento de interação social. O desenvolvimento dessa linguagem e o domínio de uma língua ocorrem através de repetidas atividades em situações aparentemente iguais.

As palavras que usamos são “em parte de uma outra pessoa” e elas não se tornam nossas até que nós as divulguemos “com nossas próprias intenções” (BAKHTIN, 1992). O comportamento linguístico emerge das interações de todos os componentes envolvidos no processo educacional: os aprendizes, os professores, o ambiente escolar, a sala de aula, as atividades propostas.

A gramática, a fonologia e o léxico vão surgindo a partir de modelos recorrentes da língua, ao invés de serem entidades fixas e autônomas de sistemas fechados e sincrônicos. Assim, o desenvolvimento da bilinguagem é contínuo, nunca termina e é mutável: muda a cada instante enquanto é mantida a identidade do falante. O desenvolvimento da bilinguagem deve ser baseado em “translanguaging” (GARCÍA, 2009, p.45): “as múltiplas práticas discursivas nas quais os bilíngües se envolvem a fim de dar sentido aos seus mundos bilíngües”.

### **Formando professores para a educação bilíngüe: algumas observações**

Parece-nos que ainda resta o mito de que um “falante nativo” é capaz de ensinar sua língua materna. Fosse assim, qualquer um de nós brasileiros poderia ensinar português. O ensino de língua estrangeira e de segunda língua já pressupõe muito mais do que a disponibilidade de um professor que conheça essa língua em sua estrutura linguística e de uso. Sabemos que ainda persistem as situações de professores sem qualquer capacitação pedagógica para lecionarem uma língua estrangeira. O mercado de trabalho de maneira geral e, principalmente, as escolas das redes públicas e particular de ensino apresentam, no entanto, uma perspectiva mais exigente quanto à formação desse professor.

Não basta hoje ter competência linguística somente para ensinar uma língua estrangeira ou uma segunda língua. O professor deve ser preparado para, além de lecionar “a” língua e “na” língua, ser um pesquisador de sua prática pedagógica. Idealmente, esse professor deve ser capacitado a investigar também as questões sociais e psicológicas que envolvem sua prática.

No intuito de colaborar para a formação professores para a educação bilíngüe, iniciamos um Projeto de Treinamento Profissional que contou com três bolsistas. Além dos estudos teóricos sobre bilinguismo, bilinguagem, ensino de línguas e metodologias de pesquisa, esse projeto dava a oportunidade aos bolsistas de acompanharem as aulas em uma escola bilíngüe.

A esse projeto, seguiu-se o projeto de pesquisa “Educação bilíngüe: compreensão dos processos de aquisição da linguagem e a capacitação de profissionais especializados”, já referido anteriormente, que tem por objetivo mapear as questões que devem envolver a formação de professores para a educação bilíngüe. Já nesse momento, iniciamos um estudo etnográfico na escola bilíngüe sob investigação e nas notas de campo e notas expandidas dos

pesquisadores, podem ser observadas manifestações linguísticas interessantes e que servem como dados a serem analisados e de elementos para uma primeira proposta de formação de professores para a educação bilíngue.

As seguintes interações observadas na escola bilíngue português/inglês em questão foram registradas e documentadas pelos pesquisadores e aqui transcrevemos trechos de algumas Notas Expandidas (NE), que trazem comentários e observações do grupo de pesquisa.

Fizemos, a professora e eu, exercícios de alongamento e convidamos os alunos a fazerem também. Todos fizeram, menos Giovanini, que estava muito desanimado. Na hora em que foram falar sobre as “shapes” dos tapetes, a teacher enunciou “rectangular”, e perguntou ao menino ao lado qual era o shape de seu tapete. Um outro aluno disse: “quadrader!”. (NE 20)

O trecho transcrito acima relata um momento da aula de matemática em que os alunos (todos brasileiros falantes de português) que têm em torno de seis e sete anos são apresentados às formas geométricas. Para essa atividade, a professora usa tapetes de diferentes formas sobre os quais as crianças se exercitam. A “teacher” se dirige a todos em inglês, sempre. Entretanto os alunos podem usar entre si o português e da mesma forma se dirigir à professora nessa língua.

O que vemos no trecho em destaque é uma adaptação que um aluno faz para usar o inglês. Um termo estruturalmente convencionado para esse caso é “interferência”: a língua materna (L1) interferindo na língua em aquisição (L2). A forma geométrica apresentada é, em inglês, “square” e não “quadrader”. Porém, se considerarmos os aspectos da interação social envolvendo a aquisição da língua, podemos dizer tratar-se de muito mais que uma “interferência”. É uma questão de desenvolvimento linguístico baseado numa interlinguagem construída para dar conta daquele momento específico.

Da mesma forma é o que vemos no exemplo:

Um aluno perguntou ao professor como poderia dizer em inglês uma palavra. O professor respondeu, ao que o mesmo aluno então complementa com o seguinte pedido: “teacher, soletrates me!”. O professor disse: “Let me spell it for you” e soletrou a palavra. (NE 23)

Mesmo sabendo que não existe em inglês o verbo “soletrate” o professor aceita a interação e participa dela sem chamar atenção do aluno, mas indicando sutilmente a correção linguística a ser feita para um momento futuro.

Outro exemplo, agora apresentando uma questão de uso do léxico é vista no trecho:

Enquanto todos faziam os exercícios em silêncio, pedi à professora para ver os reports (boletins) deles. (...) Foi então que ouvi uma menina falando “license, teacher?”, em vez de “excuse me?” pedindo a palavra. (NE 21)

### **Considerações Finais**

O interesse pela formação de professores para a educação bilíngue deve-se ao fato de entendermos o bilinguismo como “norma” e não como excepcionalidade. Grosjean (1982) estima que cerca da metade da população do mundo é bilíngue, ou seja, não se trata de fenômeno excepcional. É, na verdade, um fenômeno comum, mas que, como afirma Savedra (1994, p. 20) envolve uma “complexa relação psicológica, linguística e social”. Em outras palavras, bilinguismo é um fenômeno interdisciplinar. Bilinguismo, ainda segundo Savedra, está ligado ao biculturalismo. A própria discussão acerca dos conceitos “bilinguismo” e “bilinguagem” denota a complexidade desse fenômeno.

Se tomarmos a bilinguagem como um fenômeno complexo, em contínua mudança e fluido, a educação bilíngue deve ser, conseqüentemente, também complexa, múltipla, baseada na interconectividade e interdependência, buscando a co-adaptação dos falantes. Mas essa educação bilíngue deve ainda se desenvolver ao longo do tempo e proteger a identidade dos indivíduos nela envolvidos.

Na educação bilíngue, não se trata de somente adicionar uma segunda língua – ou “uma outra língua” – mas é uma questão de desenvolvimento de práticas linguísticas complexas que abrangem múltiplos e, às vezes bem diferentes, contextos sociais. O professor deve, pois, ser capacitado para lidar com um sistema dinâmico em que duas ou mais línguas participam em níveis quase sempre bem variados projetando graus de proficiência linguística diversos nas muitas práticas das línguas e com experiências de muitas culturas.

A escola bilíngue deve ter arranjos curriculares que atendam a esse bilinguismo dinâmico, através de um trabalho consciente e responsável com o cruzamento linguístico presente. Isso implica dizer que o professor deve ser preparado usar práticas discursivas



complexas para propósitos diferentes e compreender a prática social desse tipo de educação com base na interação e envolvimento, na colaboração e trabalho de grupo.

O professor da educação bilíngue deve ter um valor educacional que tenha como base da tolerância linguística e, como em qualquer outra forma de ensino, ensinar é conduzir “com o coração” a dinâmica do aprendizado.

## REFERÊNCIAS

BAKER, C. **Foundations of Bilingual Education and bilingualism**. Multilingual Matters, 1993 [2006, 4<sup>th</sup> edition].

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BIALYSTOK, E. **Bilingualism in Development – Language, Literacy & Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

CRAIN, S. & LILLO-MARTIN, D. **An Introduction to Linguistic Theory and Language Acquisition**. Malden, Mass: Blackwell Publishers, 1999.

GARCÍA, O. **Bilingual Education in the 21st Century – A Global Perspective**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

GROSJEAN, F. **Life with two languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HEYE, J. **Linguísticas - Panorama de Linguística Contemporânea: Resumos das principais áreas de pesquisa**. Apostilas, PUC-Rio, 2001.

\_\_\_\_\_. **Considerações sobre bilinguismo e bilinguidade: revisão de uma questão**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Revista paLavra, v 11, pp 30-38, 2003.

HYMES, D. **Models of the interaction of language and social life**. IN: GUMPERZ, J.J. & HYMES, D. (eds). *Directions in Sociolinguistics: the ethnography of communication*. New York: Rinehart and Winston, pp 35-71, 1972.

MACKEY, W.F. **The description of bilingualism**. IN: FISHMAN, J.A. (ed) *Readings in the sociology of language*. Haia: Mouton, pp 555-584, 1968.

MARTINS, M. G. L. **Uma experiência de desenvolvimento de projetos didáticos na educação infantil bilíngue**. USP, Faculdade de Educação, Dissertação de Mestrado, 2007.

MYERS-SCOTTON, C. **Multiple Voices: An Introduction to Bilingualism**. Oxford: Blackwell, 2006.

SALGADO, A. C. P. **Medidas de Bilingualidade: uma proposta.** PUC-Rio, Departamento de Letras, Tese de Doutorado, inédita, 2008.

SAVEDRA, M. M. G. **Bilinguismo e Bilingualidade: o tempo passado no discurso em Língua Portuguesa e Língua Alemã.** UFRJ, Faculdade de Letras, Tese de Doutorado, inédita, 1994.